

Universidade de Aveiro

Departamento de Comunicação e Arte

Charlie Parker

Trabalho realizado no âmbito do mestrado em Música, na disciplina de História do Jazz.

José Eduardo Gomes

Instrumento: clarinete

Número mecanográfico: 35075

Professor: José Duarte

Junho 2006

Charlie Parker (1920-1955)

A única criança de Charles e Addie Parker, Charlie Parker era um dos saxofonistas e músicos mais importantes e um dos mais influentes do jazz dos anos 40. Quando Parker era ainda uma criança, sua família foi para Kansas City, Missouri, onde o jazz, os blues e a música do gospel estavam a crescer rapidamente. Quando tinha 15 anos, mostrou um interesse grande na música e um amor pelo saxophone alto. De 1935 a 1939, Parker trabalhou no Kansas City com diversos músicos e bandas nos bares locais de jazz e de blues onde desenvolveu a sua arte. Em 1939, Parker visitou New York pela primeira vez, e permaneceu quase um ano como músico profissional, onde participava frequentemente em jam sessions. A atmosfera de New York influenciou extremamente o estilo musical de Parker. Em 1938, Parker juntou-se à banda de Jay McShann, com quem andou por todo o sudoeste, Chicago e New York. Um ano mais tarde, Parker viajou a Chicago e foi um saxofonista permanente num clube na 55th rua. Em New York, Parker não teve uma vida fácil, fazendo um pouco de tudo, inclusive lavando pratos unicamente para poder sobreviver. Pouco depois, Parker voltou a Kansas City para assistir ao funeral de seu pai. Em 1940, Parker fez sua primeira gravação com a orchestra de McShann. Durante os quatro anos que Parker tocou com McShann, teve a oportunidade de tocar em diversas de suas gravações, tais como blues de Hootie, jump de Sepian, e os 1941 Confessing blues. Em 1942, em tournée com McShann, Parker tocou em jam's em Monroe e em Playhouse de Minton em Harlem. Foi lá que conheceu e chamou a atenção de artistas up-and-coming do jazz como Dizzie Gillespie e Monk Dizzy de Thelonious. Um ano mais tarde, Parker separou-se de McShann e juntou-se a Earl Hines, mas apenas durante oito meses. O ano de 1945 viria a ser extremamente importante para Parker. Durante esse tempo liderou o seu próprio grupo em New York e trabalhou também com o Gillespie em diversos ensembles.

Nesse ano desenvolveu e gravou inúmeros temas no novo estilo, o bebop, um estilo controverso, e ainda não muito bem aceite pela critica e pelo mundo musical. Mas rapidamente, essa dúvida esvaneceu-se, muito devido ao talento de parker e gillespie que, com a sua arte, descodificaram o verdadeiro sentido do bebop, esse estilo tão próprio.

Em Dezembro desse ano, Parker e Gillespie fizeram o exame da sua música em Hollywood, numa tournée six-week do nightclub. Parker continuou a tocar em Los Angeles até junho 1946, quando sofreu um ataque do foro nervoso, obrigando-o a ser internado num hospital da cidade. Já recuperado, em Janeiro de 1947, Parker voltou a New York e fundou e construiu um quinteto que pudesse tocar alguns de seus temas mais famosos. De 1947 a 1951, Parker trabalhou em inúmeros nightclubs, de estúdios de rádio, e em diversos outros locais, onde pudesse exprimir a sua arte e a magia dos seus temas. Durante esse tempo, visitou Europa onde alcançou uma enorme popularidade e sucesso, gravando uma série de discos e realizando um sem número de concertos.

5 de Março de 1955, era a última aparição em público, acontecendo em Birdland, num nightclub.

Morreu uma semana mais tarde no apartamento de um amigo.

Embora a causa oficial da morte seja pneumonia, a sua morte é apontada como consequência do abuso da droga e do álcool.

Parker deixou uma viúva, Chan Parker, uma filha, Kim Parker, que é também uma músico, e um filho, Baird Parker, que morreu na guerra de Vietnam. Refira-se que a filha Kim, que também andou pelas andanças do jazz, não conseguiu imitar o seu pai, tendo feita uma carreira modesta, nada de acordo com o apelido herdado.

Charles “Bird” Parker era um saxofonista surpreendente que ganhou o reconhecimento pelos seus solos brilhantes e inovadores improvisos e que deixou uma marca imortal para a história do jazz.

Bebop

Por volta de 1945, não se poderia imaginar um estilo mais diametralmente oposto ao espírito convencional e comercial do swing do que o bebop.

O nome "Bebop" é proveniente das onomatopéias pronunciadas pelos músicos, imitando o fraseado dos seus instrumentos. O bebop privilegia os pequenos conjuntos, como os trios, os quartetos e os solistas de grande virtuosismo. Talvez o elemento que sofreu a maior modificação dentro da revolução bebop tenha sido o ritmo, com a proliferação de síncopas e de figuras rítmicas complexas. O fraseado é flexível, nervoso, cheio de saltos que exigem uma técnica instrumental muito desenvolvida. Além dos fundadores Charlie Parker e Dizzy Gillespie, encontramos entre os expoentes do bebop os músicos que se encontravam regularmente no "Minton's" do Harlem e na 52nd Street, como o pianista Thelonious Monk, Miles Davis e John Coltrane, os bateristas Kenny Clarke e Max Roach e o guitarrista Charlie Christian; e também o vibrafonista Milt Jackson, o pianista Bud Powell e o trombonista Jay Jay Johnson.

Crónicas

Don't play the saxophone. Let it play you" – Charlie Parker.

“Cresci com um enorme retrato de Charlie Parker no quarto. Julgo que para um miúdo que resumia toda a sua ambição em tornar-se escritor Charlie Parker era de facto a companhia ideal. Esse pobre, sublime, miserável, genial drogado que passou a vida a matar-se e morreu de juventude como outros de velhice continua a encarnar para mim aquela frase da Arte poética de Horácio que resume o que deve ser qualquer livro ou pintura ou sinfonia ou o que seja: uma bela desordem precedida do furor poético diz ele é o fundamento da ode. Sempre que me falam de palavras e influências rio-me um pouco por dentro: quem me ajudou de facto a amadurecer o meu trabalho foram os músicos. A minha estrada de Damasco ocorreu há cerca de dez anos, diante de um aparelho de televisão onde um ornitólogo inglês explicava o canto dos pássaros. Tornava-o não sei quantas vezes mais lento, decompunha-o e provava, comparando com obras de Haendel e Mozart, a sua estrutura sinfónica. No fim do programa eu tinha compreendido o que devia fazer: utilizar as personagens como os diversos instrumentos de uma orquestra e transformar o romance numa partitura. Beethoven, Brahms e Mahler serviram-me de modelo para A ordem natural das coisas, A morte de Carlos Gardel e O manual dos inquisidores, até me achar capaz de compor por conta própria juntando o que aprendi com os saxofonistas de jazz, principalmente Charlie Parker, Lester Young e Ben Webster, o Ben Webster da fase final, de Atmosfera para amantes e ladrões, onde se entende mais sobre metáforas directas e retenção de informação do que em qualquer breviário de técnica literária. Lester Young, esse, ensinou-me a frasear. Era um homem que começou por tocar bateria. Um crítico perguntou-lhe qual o motivo que o levava a mudar da bateria para um instrumento de sopro e ele explicou: “Sabe, a bateria é uma coisa horrivelmente complicada. No fim dos concertos, quando acabava de desarmá-la, já todos os colegas se tinham ido embora com as raparigas mais bonitas”. O facto de desejar ter também raparigas bonitas levou-o, entre outras obras-primas, a These foolish things onde cada nota parece o último suspiro de um anjo iluminado. A fotografia que dele tenho mostra um homem sentado na borda da cama de um quarto de

hotel com um sax tenor ao lado. Magro e envelhecido fita-nos através dos anos com os olhos mais doces e tristes que já vi. Usa uma gravata torta e um casaco amassado, e poucas pessoas estiveram decerto tão perto de Deus quanto esse vagabundo celeste. Ben Webster, por seu turno, assemelhava-se a um lojista gordo que uma auréola invisível mas óbvia transfigurava. Estas três criaturas sentavam-se à direita do Pai e espanta-me não as encontrar nos altares das igrejas. Talvez que não exista lugar, em céus de mármore e gesso, para alcoólicos promíscuos e pecadores sem remédio. Talvez haja pessoas que se sintam melhor na companhia de criaturas edificantes que não edificaram nada a não ser vidas sem alegria rematadas por agonias virtuosas em odores de açucena. Como penso que Deus não é parvo estou certo que lhe daria comichão tanta bondade melancólica e tanta estreiteza sem mérito. Aposto mesmo que toca bateria a fim de deixar para os outros as raparigas mais bonitas, e ficar a arrumar discretamente tudo aquilo, tambores e pratos, enquanto Charlie Parker, Lester Young e Ben Webster levam em paz o gin, a marijuana e as miúdas jeitosas para um estúdio de gravação onde Billie Holliday principiou agora mesmo a cantar o seu poder e a sua glória até ao fim dos tempos” - António Lobo Antunes, Segundo livro de crónicas.

Fim-de-semana bebop. Acho que me empolguei pelos aniversários de morte e nascimento de Charlie Parker e danei-me a ouvir novamente o saxofone delirante. Mas agora, que houve um distanciamento da fase em que eu era mais fanático por bebop, o saxofone de Parker parece justamente mais melódico e menos verborrágico. E o mesmo vem acontecendo com John Coltrane. Acho que um dos motivos dessa “melhora” tem a ver com os mergulhos pela música contemporânea. Algumas experiências com extremistas – como Derek Bailey – ajudaram a clarear a percepção de músicas que eu já gostava.

No caso de Thelonius Monk, acho que seu piano ficou mais sentimental, no bom sentido. É compositor e intérprete de primeiro time, da mesma estatura de Parker e Coltrane.

Tem uma cena – bastante conhecida no meio jazzístico – em que Thelonius faz uma aparição tocando piano junto a integrantes da orquestra de Count Basie. Basie era um tremendo pianista de suíngue, mas também era arrogante a ponto de desprezar um talento recente como Monk por completa incompreensão. Enquanto Monk toca um blues, Basie senta-se ao lado do piano, encarando o músico com expressão de ironia. Quanto mais Monk imprime seus soluços de tempo, mais Basie parece sarcástico. Mais atrás, o cantor Jimmy Rushing faz caretas de reprovação. Tudo muito humilhante, Monk ficou profundamente magoado. Vale lembrar que a orquestra de Basie havia, tempos antes, tomado a mesma atitude com Parker. Por outro lado, veteranos como Coleman Hawkins ficaram completamente empolgados com o novo jazz. Coisas da música.

Crónica Brasileira 2005

Discografia

The Parker Charlie Story (1945)
Diz 'N Bird at Carnegie Hall (1947)
Bird On 52nd Street (1948)
Bird & Pres Carnegie Hall '49 (1949; Lesterem Youngiem)
Dance Of The Infields (1949)
Broadcasts (1950)
Bird At St Nick's (1950)
Just Friends (1950)
Apartment Sessions (1950)
One Night In Chicago (1950)
At The Pershing Ballroom (1950)
Bird In Sweden (1951)
Norman Granz Jam Session (1952)
Inglewood Jam (1952)
Live At Rockland Palace (1952)
New Bird Tiols (1953)
Yardbird (1953)
Jazz At Massey Hall (1953)
Birdland All Stars At Carnegie Hall (1954)
Charlie Parker On Dial 1945-47 (1974)
One Night At Birdland '50 (1977)
Bird With Strings 1950-52 (1977)
Summit Meeting At Birdland 1951-53 (1977)
The Complete Savoy Studio Sessions 1944-48 (1978)
One Night In Washington '53 (1982)
Charlie Parker At Storyville '53 (1985)
Bird [Original Soundtrack] (1988)
The Complete Charlie Parker On Verve 1950-54 (1989)
The Savoy Master Takes 1944-48 (1989)
The Legendary Dial Masters 1946-47 (1989)
Bird At The Roots 1948-49 (1990)
The Complete Dean Benedetti Recordings Of Charlie Parker (1991)
Immortal Charlie Parker (1991)
Gold Collection (1993)

The Complete Dial Sessions 1945-47 (1993)
Bird's Best Bop on Verve (1995)
Autumn In New York (1996)
Jazz After Dark: Great Songs (1996)
Bird With The Herd [Drive] (1996)
Complete Savoy Live Performances: Sept. 29, 1947-Oct. 25, 1950 (1998)
Jazz At The Philharmonic [Indigo] (1998)
At Birdland (1998; 4 CD)
World Of Charlie Parker [Ember] (1999)
Masters (1999)
Talkin' Bird (1999)
From Dizzy To Miles (1999)
Forever Gold (1999)
Cool Blues (1999)
Blues For Norman (1999)
Complete JATP Performances (2000)
Quasimodo: The Dial Sessions (2000)
Parker's Mood (2000)
Best of the Dial Years (2000)
Strike Up The Band (2001)
Live In Chicago (2001)
1947 Klactoveedsedstene (2001)
Flying High: Live In New York (2001)
Plays It Cool (2002)
Complete Verve Masters With Strings (2002)
Complete Dial Sessions (Spotlite) (2002; 4 CD)

Bibliografia

Bird, Christiane. *The Da Capo Jazz and Blues Lover's Guide to the U.S.* 3^a ed. Nova York: Da Capo Press, 2001;

Cheseborough, Steve. *Blues Traveling: The Holy Sites of Delta Blues.* 2^a ed. Jackson: University Press of Mississippi, 2004;

Clynes, Tom. *Music Festivals from Bach to Blues: A Traveler's Guide.* Canton, MI: Visible Ink Press, 1996.

Pellegrini, Augusto, *Jazz — Das raízes ao pós-bop*, Editora Codex, s.d.

Enciclopédias e Dicionários.

Conclusão

Após a realização deste trabalho, apercebi-me duma coisa curiosa. Sendo eu um músico com formação “clássica”, e habituado a ouvir os grandes mestres e monstros da música erudita, consegui ter o privilégio de poder chegar ao mesmo patamar de qualidade com Charlie Parker. Despertado em mim o bichinho do jazz há alguns anos, pude agora escutar com mais atenção e também perceber melhor o sentido de toda a sua música com a realização deste trabalho.

E, como todos os grandes músicos e compositores da música erudita, também charlie parker deixou um enorme legado.

Esse legado é visível por todo o mundo, e ainda hoje, aqui mesmo neste cantinho a beira-mar, podemos ouvir os novos saxofonistas a dizer “quero tocar como o parker”... Mas, como diz o ditado popular, aqui adaptado, Parker há só um, é ele e mais nenhum.